

## Marcas de empreendedorismo na prática do jornalismo investigativo<sup>1</sup>

Gustavo Panacioni<sup>2</sup>

Paula Melani Rocha<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa

### Resumo

Levantamento da Agência Pública aponta 73 sites de jornalismo independente funcionando no país. São iniciativas recentes distribuídas em diferentes localidades do país. O conhecimento em empreendedorismo não é difundido na formação do profissional, no entanto, com os cortes das redações, profissionais estão testando novas possibilidades no mercado. A reflexão proposta busca identificar marcas de empreendedorismo na prática do jornalismo investigativo e a possibilidade de transposição desse conhecimento para iniciativas empreendedoras de jornalismo independente, com escopo em produção investigativa. A discussão perpassa pelas proximidades e diferenças entre jornalismo investigativo e jornalismo convencional. A fundamentação teórica pauta-se em jornalismo investigativo, jornalismo convencional e empreendedorismo, a partir de uma metodologia baseada na pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** jornalismo investigativo; jornalismo convencional; empreendedorismo

### Introdução

O modelo de negócios de empresas jornalísticas, sustentado na era pré-internet, está sendo repensado após mudanças de comportamento do mercado, sobretudo impulsionadas pelas transformações tecnológicas e, paralelamente, pelo surgimento de novos veículos e plataformas, repercutindo diretamente nas relações de trabalho do profissional jornalista. Como pontuam Ribeiro e Guaraldi (2016, p.1):

O modelo de negócios do jornalismo na era pré-internet se baseava na veiculação de informações capazes de gerar receita financeira por meio da venda de espaço para publicidade, complementada por assinaturas e vendas avulsas, no caso de jornais e revistas. Esse modelo se consolidou como a principal estratégia da maioria das empresas anunciantes para alcançar o público consumidor.

Contudo, para alguns historiadores essas alterações do trabalho não se limitam apenas ao campo do jornalismo. Para eles, o mundo capitalista vive seu terceiro estágio, o pós-industrial, no qual há uma transferência da atividade econômica da indústria para os serviços (MEYER, 2004) e o jornalismo ocidental, conseqüentemente, está inserido nesta

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestrando em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Jornalismo da UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), email: gustavopanacioni@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Jornalismo e do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), e-mail pmrocha@uepg.br

dinâmica do modo de produção capitalista, reverberando também no fazer jornalístico. Segundo levantamento do portal Comunique-se<sup>4</sup>, 1.400 jornalistas no Brasil perderam seus empregos em 2015, e algumas revistas encerraram suas atividades. Os cortes envolveram jornais impressos tradicionais, emissoras de televisão e jornais online. As agências de jornalismo desde a década de 1990 já experimentaram os efeitos iniciais da internet, abalando o modelo de negócio (RIBEIRO; GUARALDI, 2016)

Se por um lado a crise repercutiu nos modelos de gestão em vigor, por outro lado, ela abriu novas perspectivas de modelos de negócios, em um cenário em transformação e acesso a informações, seja por facilitadores como a instauração da Lei de Acesso a Informação – LAI, nº 12.527/2011, como por bancos de dados disponíveis na rede. A investigação passou a empoderar o exercício do jornalismo, principalmente a partir de iniciativas independentes<sup>5</sup>. De acordo com levantamento da Agência Pública, no Brasil há 73 sites de jornalismo independente, parte deles trazem em seu escopo desenvolver pautas investigativas.

A migração para as plataformas digitais permitiu o acesso direto dos anunciantes ao público, tornando a estratégia publicitária mais independente. Isso ocasionou a gradativa redução na audiência e receita dos setores tradicionais do jornalismo, impulsionando o surgimento de novas formas de captação de recursos financeiros e novos modelos de negócios, tais como o jornalismo empreendedor, as agências sem fins lucrativos e os websites independentes (RIBEIRO; GUARALDI, 2016, p.1).

A discussão proposta tem como objeto esse jornalismo empreendedor. Ela é parte do projeto de mestrado que está sendo desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, o qual busca aferir marcas de empreendedorismo na produção de reportagens investigativas e verificar se elas coincidem ou mesmo dialogam com o conhecimento em empreendedorismo aplicado nas iniciativas dos sites de jornalismo independente com foco em conteúdo investigativo. Em outras palavras o estudo pretende analisar o conhecimento em empreendedorismo que circunda o exercício do jornalismo, em especial, o aplicado no desenvolvimento de pautas investigativas e se este é transposto nas iniciativas independentes, ou seja, se ele é um motivador no "espírito do jornalista empreendedor" e se envolve saberes. Nesse caso, a pergunta norteadora é: Quais são esses saberes?

Para isso, o artigo apresenta os conceitos teóricos na tentativa de encontrar essa

<sup>4</sup> Disponível em <http://portal.comunique-se.com.br/>, acessado em 18 de abril de 2016

<sup>5</sup> Dois exemplos internacionais que destacam o acesso dos dados disponíveis na rede são Wikileaks e Panamá papers.

conexão entre jornalismo investigativo, reportagens investigativas e empreendedorismo. Parte da premissa de que o jornalismo investigativo possui especificidades e busca aqui justamente apresentá-las. Em seguida traz as delimitações da reportagem investigativa vislumbradas nos projetos de pauta, e, por fim, procura traçar um elo com a discussão sobre empreendedorismo. Num país em que as empresas de comunicação carregam uma tradição de gestão familiar, pensar o jornalista como empreendedor é olhar para o exercício da sua atividade e tentar identificar os saberes que envolvem a sua prática. É válido mencionar que na história do jornalismo brasileiro, assim como no jornalismo internacional, tivemos jornalistas empreendedores, tais como: Assis Chateaubriand, Sameul Wainer, Roberto Marinho, Tarso de Castro, Sergio Cabral entre outros. A discussão não analisa os modelos de gestão *crowdfunding*, *paywall*, filantropia, *branded content* e editais, que sem dúvida irão fazer parte do corpo da pesquisa, pois perpassam pelo objeto do estudo.

### **Jornalismo investigativo e seu distanciamento do jornalismo de atualidade: demarcações**

Quando a diferenciação entre jornalismo convencional e jornalismo investigativo é proposta, não é difícil encontrar opiniões distintas que fortalecem a máxima de que todo jornalismo é investigativo, ou pelo menos deveria ser. Para este trabalho, assumem-se algumas questões que colocam em cheque essa máxima e defendem sim o jornalismo investigativo como diferente do jornalismo convencional<sup>6</sup>, feito dentro das redações e mais atrelado à factualidade e à constante urgência do relato de informações.

Para entender as diferenciações, é preciso, primeiramente, perceber que o jornalismo investigativo é uma derivação do jornalismo. É somente a partir da prática profissional já consolidada que se derivam alguns métodos que vão acabar consolidando o jornalismo investigativo como mais uma forma disponível no meio para concretizar objetivos jornalísticos. A partir desse entendimento, pode-se buscar uma das primeiras e mais distintas características do jornalismo investigativo, com relação ao jornalismo de atualidade que, como já dito antes, reside em uma atuação na ordem contrária da atividade relatos factuais dos jornais. Ao invés de buscar seguir o ritmo de relatar os acontecimentos com a máxima agilidade, o jornalismo investigativo procura abordar histórias que podem se

---

<sup>6</sup> Existem diferentes denominações para explicar o jornalismo que não é jornalismo investigativo. Cleofe Monteiro de Sequeira, por exemplo, utiliza o conceito de jornalismo “de atualidade”. Leandro Fortes não se utiliza de um termo específico, mas diferencia o jornalismo investigativo dos “demais setores da atividade”. Para este trabalho vamos adotar o conceito apresentado pelo manual de jornalismo investigativo publicado pela UNESCO, em 2013.

originar da atualidade, mas acabam por cumprir metodologias de apuração, sistematização e abordagem de fontes que exigem tempo e planejamento justamente por lidar com denúncias. A urgência, nesse caso, não estabelece protocolo ao jornalista investigativo que sempre precisa ter certeza das acusações antes de tornar pública determinada informação.

Tendo-se como referência as análises de Wolf sobre os processos produtivos na comunicação de massa, pode-se concluir que as reportagens investigativas estão na contramão do fluxo da informação, quer pela apuração entre as fontes utilizadas (já que nessa categoria as fontes estáveis são descartadas), quer pelo tempo que o repórter necessita para concluir seu trabalho (que não se enquadra nos processos de fechamento diário dos jornais), quer pelo tamanho das reportagens investigativas, geralmente extensas, pois necessitam, também, de espaço para a publicação de documentos, provas e declarações, que dão credibilidade às denúncias (SEQUEIRA, 2005, p. 38).

As plataformas online surgem como uma alternativa ao espaço de publicação necessário para as reportagens investigativas. Com elas, também, criam-se novas ferramentas de apresentação de informações (banco de dados interativos, infográficos, animações, vídeos e imagens) que tornam o produto do jornalismo investigativo praticamente independente ao tempo, ou seja, à renovação diária dos jornais impressos e das edições jornalísticas televisivas, por exemplo. O contato do leitor com a reportagem, então, torna-se diferente em dois sentidos principais: tanto numa ampliação significativa da disponibilidade da informação, como na forma de se ler uma reportagem.

Ao invés de fornecer alguns exemplos, a base de dados permite com que leitores vejam todos os números ou estatísticas relacionadas a uma história em um local e tirem suas próprias conclusões. Ao invés de apenas contar aos leitores que existe, por exemplo, um aumento no número de acidentes de trânsito em uma área, uma base de dados pode mostrar o número de acidentes de trânsito dos últimos cinco anos e deixar com que os leitores identifiquem a tendência por si mesmos<sup>7</sup> (LUCKIE, 2011, p. 204).

A tecnologia, enfim, parece ter criado o cenário ideal para praticar conceitos que fortalecem a prática e o relacionamento com o leitor. Além de o jornalista investigativo precisar de tempo e planejamento para apurar e apresentar essas informações às fontes e, posteriormente, ao público, a internet possibilita que também o leitor tenha mais tempo para entender e interpretar o conteúdo.

---

<sup>7</sup> Tradução livre do original: “*Instead of providing a few examples, databases allow readers to see all the numbers or statistics related to a story in one place and draw their own conclusion. Instead of just telling readers that there are, for example, an increased number of traffic accidents in an area, a database can show the number of traffic accidents in the past few years and let readers identify the trend themselves*”.

As ciências da informação agora estão suficientemente desenvolvidas a ponto de poderem dar uma atenção sistemática às formas de mensagens que nós preparamos e as melhores maneiras para compô-las e enviá-las para que sejam recebidas e entendidas<sup>8</sup> (MEYER, 2002, s/p).

Nessas alterações recorrentes da tecnologia, percebe-se como o jornalismo investigativo incrementa-se rapidamente nas técnicas e ações de atuação, o que causa um descompasso entre a prática e as teorias de análise, com pouca bibliografia que acompanhe as tendências tal qual elas tornam-se concretas e incorporadas à profissão. Feita a observação, considera-se essencial recorrer aos manuais, que estão atendendo e compilando essas inovações da *práxis*. E um dos principais exemplos trazido para essa discussão é o manual *A Investigação a partir de Histórias – um manual para jornalistas investigativos*, organizado e publicado em 2013 pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

Mark Lee Hunter, jornalista e principal responsável pela organização desse manual, vai explicar o jornalismo investigativo sob os aspectos considerados acima, metodologias de apuração e a relevância para o leitor, a partir da perspectiva de que o profissional investigativo deve criar histórias a partir de hipóteses bem definidas. Para dar base aos argumentos, Hunter também faz a diferenciação entre os jornalistas convencionais e investigativos, trazidos previamente por este trabalho. O olhar dos profissionais investigativos acaba se diferenciando dos profissionais imersos na rotina tradicional das redações que têm como principal função reportar os fatos o mais rápido possível. São jornalistas que, de acordo com Hunter, “reagem às situações” e “reportam aquilo que veem, ouvem e leem, ou então acompanham as notícias de ontem” (HUNTER, 2013, p. 21).

A cobertura convencional de notícias visa a criar uma imagem objetiva do mundo como ele é. A cobertura investigativa utiliza materiais objetivamente verdadeiros – ou seja, fatos que qualquer observador razoável concordaria que são verdadeiros – visando à meta subjetiva de reformar o mundo. Ela não é uma licença para mentir por uma boa causa. Ela é uma responsabilidade, para que a verdade seja aprendida de modo que o mundo possa mudar (HUNTER, 2013, p.10).

A derivação de um, jornalismo convencional, para outro, jornalismo investigativo, também pode ser confirmada pela existência de hábitos, normas e códigos de ética similares

---

<sup>8</sup> Tradução livre do original: “*The information science are now sufficiently developed so that we can give some systematic attention to the forms of the messages we prepare and the best ways to compose and send them so that they will be received and understood*”.

nas duas categorias. O jornalismo investigativo acaba por apropriar-se das prerrogativas tradicionais do jornalismo para trabalhar em busca dos objetivos a que se propõe. A investigação, por exemplo, é sim inerente à profissão, mas não pode ser comparada ao tipo de processo investigativo feito durante uma reportagem investigativa. “A reportagem, de fato, não prescinde de investigação. Mas o jornalismo investigativo é algo mais complexo, trabalhoso e perigoso. Não se assemelha com a rotina natural das redações” (FORTES, 2005, p. 10). Fortes continua a argumentação explicando que a pauta investigativa exige “talento, tempo, dinheiro, paciência e sorte” (FORTES, 2005, p. 10). Mas, além disso, entende-se também que o jornalismo investigativo, a partir dos princípios jornalísticos, desenvolve técnicas diferenciadas para concretizar o trabalho. A diferença principal, então, encontra-se no “processo de trabalho do profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais -, definida como jornalismo investigativo” (SEQUEIRA, 2005, p. 15). É como se o jornalismo se transformasse em jornalismo investigativo a partir das posturas profissionais e estratégias que não estão no escopo das atividades da rotina jornalística habitual (SEQUEIRA, 2005).

Essas diferentes posturas resumem-se a encontrar “tempo e paciência para pesquisas, entrevistas, observação direta, checagem e rechechagem - a busca obsessiva por documentos e provas” (FORTES, 2005, p. 15). Isso deve-se ao papel de denúncia, objeto principal de pesquisa da área de jornalismo investigativo. O caráter denunciante, junto com as características até agora relacionadas, definem um conjunto de competências que vão fundamentar a diferenciação entre o jornalismo investigativo e o convencional. Enquanto o convencional pauta o trabalho principalmente em noticiar os acontecimentos que surgem diante da população, o jornalismo investigativo vai procurar histórias que estejam escondidas, ocultas e, por direito, precisam ser informadas à sociedade. O foco é “apurar e divulgar informações sobre atos desviantes que afetem o interesse público e que sejam prejudiciais à sociedade” (AGUIAR, 2006, p. 74).

O Jornalismo Investigativo implica em trazer à luz questões que permaneciam ocultas, seja deliberadamente por uma pessoa em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias – e a análise e apresentação de todos os seus fatos relevantes ao público. Dessa forma, o jornalismo investigativo contribui crucialmente para a liberdade de expressão e a liberdade de informação, que estão no coração do mandato da UNESCO (HUNTER, 2013, p. 3).

Para conseguir concentrar-se nesse propósito, a metodologia básica do trabalho investigativo resume-se a encontrar dados e informações antes de procurar fontes de apoio para o seu trabalho. As fontes podem sim existir nesse processo inicial, mas a relação com elas tem o mesmo propósito relacionado acima – obter dados e informações que comprovem que certa denúncia é verdadeira ou, pelo menos, merece a dedicação de um período de tempo para uma primeira apuração. É só depois de ter esses elementos na mão que o repórter investigativo passa para a segunda fase do trabalho, que consiste em confrontar as pessoas responsáveis com os resultados da pesquisa feita. E aqui encontra-se mais uma diferenciação entre jornalismo habitual e jornalismo investigativo pois, na hora da entrevista sobre determinado assunto a pergunta passa a ser “a partir desses resultados, o que o senhor tem para me dizer sobre este assunto?” ao invés de “o que o senhor tem a dizer sobre esse tema?”.

Se até agora, para diferenciar o jornalismo convencional do jornalismo investigativo, foram relacionadas questões mais ligadas a técnicas de produção e apuração – reportagens fora do contexto factual, obtenção de dados e documentos para fundamentar uma denúncia e entrevistas confrontando fontes - é necessário voltar uma etapa para identificar como o profissional investigativo se organiza, ou pode se organizar, antes de iniciar, efetivamente, os processos até agora citados. Métodos de pesquisa e estratégias operacionais auxiliam o profissional a exercer o trabalho investigativo, que é perigoso, complexo e acontece aliado ao talento e paciência do jornalista para sistematizar dados e documentos, entrevistar com fontes de difícil acesso e a apresentar, posteriormente, o projeto a um chefe. É essa organização do profissional que vai refletir diretamente em todas as etapas da atividade dele, além de influenciar a maneira de contar os fatos investigados ao público, que passa a ser outra diferenciação possível entre o jornalismo convencional e o jornalismo investigativo.

A reportagem investigativa é o produto do processo de trabalho de um jornalista investigativo. É o que vai ser apresentado à sociedade como o resultado de uma metodologia aplicada de pesquisa e apuração, durante todo o processo de seleção, produção e construção do conteúdo jornalístico. Apesar de poder utilizar técnicas similares às usadas na apuração de uma reportagem de jornalismo convencional, a principal diferença que se pode pontuar aqui para caracterizar uma reportagem de jornalismo investigativo, é o objetivo final do trabalho. Enquanto a reportagem tradicional busca elucidar e relatar fatos, “a reportagem investigativa original revela informação inédita” (SEQUEIRA, 2005, p. 30).

E para a concretização desse objetivo, o passo a passo proposto pelo manual da UNESCO é uma tradução coerente com a prática atual em investigações jornalísticas. Apesar de técnicas similares com o jornalismo convencional, a metodologia reforça a necessidade de uma postura diferente do profissional investigativo.

O jornalismo investigativo não se diferencia do jornalismo interpretativo pelo formato do texto ou pela apresentação gráfica da reportagem, mas pelo processo de trabalho do profissional, pelas estratégias que ele utiliza na fase de apuração (SEQUEIRA, 2005, p. 62).

O manual para jornalistas investigativos da UNESCO faz uma análise que se origina em discussões de outros autores sobre o tema jornalismo investigativo. De acordo com os jornalistas responsáveis pela publicação, como a maioria dos manuais investigativos concentra-se em técnicas de como encontrar informações, optou-se por mostrar aos leitores que a tarefa central do jornalismo investigativo deve ser contar uma história. Sugere-se que antes de iniciar o trabalho, o jornalista tenha uma hipótese bem definida. É desse ponto de partida que todas as outras decisões serão tomadas. A definição de uma metodologia, porém, não serve só para orientar o trabalho dos profissionais envolvidos, mas também é fundamental em questões como a promoção, defesa e lembrança dos fatos que serão apresentados ao público.

Usamos as histórias como o cimento que mantém a coesão entre cada passo do processo investigativo, desde a concepção até a pesquisa, redação, controle de qualidade e publicação. Também nos referimos a essa abordagem como a investigação a partir de histórias, porque começamos formulando a história que esperamos redigir como uma hipótese que será ou verificada ou refutada (HUNTER, 2013, p. 4).

A hipótese é o principal foco, que vai concentrar os esforços, revelar e reforçar as atividades cada vez mais comuns ao jornalista investigativo e que vão além das atividades inerentes à profissão. São conceitos novos que impactam e devem ser incorporados ao mercado de trabalho jornalístico, como “flexibilidade, inovação, criatividade, capacidade de formação permanente e empreendedorismo” (OLIVEIRA, GROHMANN, 2015, p. 124). Atividades essas que, analisadas de forma mais detalhada, permitem o início da identificação de um perfil empreendedor nos profissionais investigativos.



## Metodologias investigativas contribuindo para identificar o perfil empreendedor

A primeira das atividades que se percebe é o ato de apresentar e defender uma pauta aos chefes de redação. Para isso é necessário mostrar um planejamento inicial que vai conter a hipótese bem definida, um plano de viabilidade, uma apuração prévia que fortaleça a necessidade de aprofundar a história e, às vezes, os custos iniciais e uma previsão temporal da produção. Cleofe Monteiro de Sequeira, em *Jornalismo Investigativo: o fato por trás das notícias*, descreve esse primeiro passo do profissional ao afirmar a realização de um “estudo de viabilidade com relação às despesas previstas, ao tempo que será gasto e à porcentagem de sucesso de seu trabalho, para apresentá-lo, depois, aos seus superiores diretos” (SEQUEIRA, 2005, p. 116). Ao invés de receber pautas da chefia, como normalmente ocorre nas redações convencionais atuais, o próprio profissional toma a iniciativa de apresentar projetos de investigação. Esse é um dos primeiros sinais de composição e relevância do perfil do indivíduo, profissional e, nesse caso, empreendedor, para a condução de uma pauta investigativa.

A cobertura convencional de notícias depende amplamente – e, às vezes, inteiramente – de materiais fornecidos pelos outros (por exemplo, pela polícia, governos, empresas, etc.); ela é fundamentalmente reativa, quando não, passiva. A cobertura investigativa, em contraste, depende de materiais reunidos ou gerados a partir da própria iniciativa do(a) repórter (e por isso ela é frequentemente chamada de “cobertura empreendida” – em inglês, “enterprise reporting”) (HUNTER, 2013, p.13).

O termo “cobertura empreendida”, no manual de jornalismo investigativo da UNESCO, é o início de uma ligação mais direta entre os conceitos de jornalismo investigativo e empreendedorismo, foco principal deste trabalho, pois identifica-se como as vontades, paixões, conhecimentos e formações individuais vão formar esse perfil empreendedor. Afirma-se que é o início pois existem outros fatores, durante a produção da reportagem, que vão reforçar essa conexão. Dedicando-se ao planejamento e estudos de viabilidade, a partir do momento em que o projeto é autorizado pelos responsáveis dentro da redação, o jornalista acaba envolvendo-se diretamente em funções como controle financeiro, organização das etapas e dos processos em geral, além do gerenciamento da equipe que vai atuar juntamente com o profissional na investigação. A esses elementos, cabe a parte de conhecimentos e formações individuais do sujeito. Atividades que antes eram exclusivas a um editor executivo ou chefe de redação, acompanham também o

repórter que quer iniciar e conduzir um projeto de investigação. Mais elementos que não estão ligados à função principal do jornalista e que integram também o perfil empreendedor do profissional.

... o repórter, para saber se sua hipótese está correta, necessita adotar um plano de trabalho, traçando todos os passos necessários para a apuração dos fatos: avaliação do tema, se ele é viável ou não; estudo das técnicas e estratégias que podem ser acionadas; o tempo necessário para fazer a matéria; previsão de gastos; informações sobre a necessidade de criação de uma equipe de investigadores; e as possíveis dificuldades que serão encontradas ao longo do processo (SEQUEIRA, 2005, p. 69).

Percebe-se então que, com a metodologia proposta, o profissional consegue desenvolver atividades que permeiam e fortalecem o perfil empreendedor a partir do jornalismo investigativo e da postura diferenciada necessária para a execução de uma boa pauta de investigação. Esse processo, porém, parte de uma competência extremamente intrínseca e comum a todas as atividades do jornalismo; contar uma história. E é nesse ponto que também consegue-se identificar, mais uma vez, o perfil do profissional que está por trás da pauta que será apurada. Nesse caso, a competência de vontades e paixões vão nortear o projeto, já que é das observações e intuições do próprio jornalista que uma pauta será sugerida à investigação. O mesmo manual da UNESCO citado até o momento vai dar pistas de como identificar fatos que podem transformar-se em um trabalho de investigação. A proposta gira em torno de permitir que as “paixões lhe sensibilizem para histórias que ninguém mais parece levar a sério” (HUNTER, 2013, p. 13), o que vai complementar e fortalecer efetivamente o perfil empreendedor que se desenhava até o momento deste artigo.

Nesse mesmo sentido inferido pelo manual de jornalismo investigativo da UNESCO, a pesquisadora Montserrat Quesada, (apud SEQUEIRA, 2005), evidencia o papel do jornalista, como indivíduo, no processo de sugestão e construção da reportagem investigativa. O detalhe habitua-se nas mesmas condições apresentadas até aqui, de que o produto apresentado à chefia, e posteriormente apresentado ao público, é reflexo de uma motivação interna do jornalista.

Quesada tem um olhar diferente para o jornalismo de investigação, que define como um processo criativo no qual o autor dirige suas atitudes racionais e emocionais em direção a uma meta que satisfaça sua necessidade de investigar (SEQUEIRA, 2005, p. 149).

A identificação do perfil subjetivo no fortalecimento da relação com o empreendedorismo tem fundamentos no trabalho da pesquisadora Saras Sarasvathy<sup>9</sup>, doutora da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, que buscou entender se existe algo como “pensamento empreendedor”<sup>10</sup>. Com o objetivo estabelecido, Sarasvathy apresentou um mesmo produto para 27 empreendedores selecionados previamente e pediu para que cada um desenvolvesse uma possível ideia de negócio em que aquele objeto pudesse ser comercializado. Os entrevistados devolveram à Saras, a partir de um único elemento, 18 ideias diferentes de empreendimentos. O resultado evidenciou à pesquisadora como as experiências e vivências individuais influenciam as motivações e decisões em ser ou não um empreendedor.

O que Saras fez a partir dos resultados foi criar dois tipos diferentes de conceitos para concluir as observações. O primeiro é o que ela chama de *Effectuation*, em que os empreendedores baseiam-se principalmente em motivações internas e iniciam um projeto com ferramentas que têm e não do que precisam para conseguir executar o objetivo. Para a pesquisadora, são atores que não tentam prever o futuro com pesquisas de mercado, por exemplo, e assumem os contratempos de um empreendimento, os riscos, como fundamentais e inerentes ao processo. No segundo conceito proposto por Saras, os empreendedores causais, estão aqueles que utilizam-se de ferramentas e investimentos para tentar prever o futuro e reduzir ao máximo os riscos.

Problemas causais são problemas de decisão; problemas *effectuation* são problemas de design. Lógicas causais ajudam-nos a escolher, lógicas *effectuation* ajudam-nos a construir. Estratégias causais são úteis quando o futuro é previsível, metas são claras e o ambiente existe independente de nossas ações; estratégias *effectuation* são úteis quando o futuro é imprevisível, metas são incertas e o ambiente é conduzido pelas ações humanas. O ator causal começa com um objetivo que quer criar e pergunta, “O que eu devo fazer para alcançar esse objetivo?”. O *effectuator* começa com suas habilidades e pergunta, “O que eu posso fazer com essas habilidades?”. E aí novamente, “O que eu posso fazer com elas?”. (SARASVATHY, 2008, s/p)<sup>11</sup>

<sup>9</sup> Os conceitos de empreendedorismo da Saras Sarasvathy aqui apresentados foram trabalhados pelo autor Gustavo Panacioni na monografia de conclusão de curso de jornalismo “Crime Sem Castigo: Um estudo de caso sobre os novos modelos de produção jornalística”.

<sup>10</sup> Sarasvathy apresenta questionamentos como esses em trechos como “*Is there a learnable and teachable ‘core’ to entrepreneurship?*” ou “*In sum, is there such a thing as ‘entrepreneurial thinking’ that can be applied across space, time and technology?*”. Ambos estão presentes no artigo *What makes entrepreneurs entrepreneurial*, escrito na *University of Washington* para submissão na *Harvard Business Review*, em 2001.

<sup>11</sup> Tradução livre do original: “*Causal problems are problems of decision; effectual problems are problems of design. Causal logics help us choose; effectual logics help us construct. Causal strategies are useful when the future is predictable, goals are clear, and the environment is independent of our actions; effectual strategies are useful when the future is unpredictable, goals are unclear and the environment is driven by human action. The causal actor begins with an effect he wants to create and asks, ‘What should I do to achieve this particular effect?’ The effectuator begins with her means and asks, ‘What can I do with these means?’ And then again, ‘What else can I do with them?’*”.

O conceito de *Effectuation* defende que para empreender, o ator age principalmente em competências cognitivas. Ele dedica-se a conhecer e entender quais são suas habilidades para poder consolidar seus projetos utilizando essas competências como base.

Como eu me torno um empreendedor de sucesso?” é a pergunta errada. Perguntas mais interessantes incluiriam: “Considerando quem sou eu e quem eu quero ou não quer ser, que tipo de empreendedor eu posso me tornar?”<sup>12</sup> (SARASVATHY, 2008, s/p).

Analisando sob a ótica do jornalismo investigativo e do jornalismo guiado por dados, o repórter que atua nessa área acaba concretizando as teorias do *Effectuation* ao dedicar-se à investigação de assuntos que surgem de uma vontade própria de se publicar determinada situação. É uma indignação particular que provoca uma reação. Outro importante aspecto semelhante entre *Effectuation* e o jornalismo é a falta de certeza que a apuração de uma matéria carrega. O repórter inicialmente, ao propor a pauta, não tem segurança se sua reportagem será publicada. Para a proposta da pauta existir é necessário que ele faça um trabalho inicial de pesquisa e coleta de dados e, por isso, começa trabalhando no cenário de um futuro incerto, aquele mesmo citado por Saras Sarasvathy ao explicar a diferença entre um empreendedor comum e um empreendedor que atua de acordo com os princípios do *Effectuation*. Com esse resultado indefinido o jornalista precisa confiar no seu trabalho e, acima de tudo, apurar da maneira mais completa possível, conseguindo o maior número de provas e informações para poder definir o futuro que ainda, e até o último instante, costuma ser incerto.

## Conclusão

A relação entre jornalismo e empreendedorismo encontra ressonância nas atividades executadas ao longo de um processo investigativo. Identificam-se essas características no percurso de produção de uma reportagem que, antes de tudo, contam com a subjetividade do jornalista ao buscar e temas de interesses próprios. Além de ser o início do projeto de investigação, também é o momento em que se encontra uma ligação com o empreendedorismo, principalmente a partir dos conceitos de *Effectuation* que consideram as vivências individuais decisivas em uma atividade empreendedora, seja na escolha do

---

<sup>12</sup> Tradução livre do original: “‘How do I become a successful entrepreneur?’ is the wrong question. More salient questions would include: Given who I am and who I may or not want to be, what kind of an entrepreneur can I become?”.

assunto a ser tratado, seja na adoção de conhecimentos e vivências pessoais para fortalecer a jornada.

Após a escolha do tema a ser estudado, investigado, o jornalista passa ao segundo passo que o leva, a partir das ferramentas e conhecimentos próximos a ele, a criar um cenário favorável à aprovação da história por parte da chefia. A apuração de informações, que pode acontecer fora do horário de trabalho da redação e do jornalismo convencional a que se dedica, planejamento e estudos de viabilidade estabelecem uma fase importante do projeto investigativo e exigem do repórter conhecimentos que não o acompanham nas rotinas do jornalismo convencional. Essas funções são exigidas ainda mais a partir do momento que a pauta ganha permissão para ser executada, ou seja, quando o jornalista, por exemplo, precisa organizar prazos e etapas, gerenciar equipes e realizar a gestão financeira.

Apesar da bibliografia escassa sobre os assuntos relacionados neste trabalho, as intersecções entre jornalismo investigativo e empreendedorismo aparecem aos poucos nos manuais profissionais que conseguem acompanhar, de forma mais dinâmica, as atualizações pelas quais a profissão passa. Outra fonte recorrente sobre os temas tratados são artigos referentes a pesquisas ainda em andamento e que representam uma importante tendência à área jornalística.

É justamente nessa questão, do impacto de competências empreendedoras no mundo do jornalismo, que esse artigo se concentra e busca acrescentar argumentos na discussão que pede uma nova postura dos futuros, novos, atuais e experientes jornalistas. Diante da crise institucionalizada em que o meio jornalístico se encontra, nada mais coerente que realizar uma reflexão de valores e uma análise profunda de novos rumos que o mercado pode tomar para continuar exercendo um papel social fundamental à sociedade. O jornalismo investigativo e o empreendedorismo, juntos, aparecem como um tema essencial frente aos desdobramentos de novas práticas da profissão.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 73 a 84, jul. 2006.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias – Um manual para jornalistas investigativos**. Montevideo: Oficina Regional de Ciências de la UNESCO para América Latina y el Caribe, 2013.

LUCKIE, Mark S. **The Digital Journalist's Handbook**. USA: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2011.

MEYER, Philip. **Precision Journalism: A Reporter's Introduction to Social Science Methods**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2002.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, M. R. ; GROHMANN, R.. **O Jornalista Empreendedor: uma reflexão inicial sobre jornalismo, flexibilização do trabalho e os sentidos do empreendedorismo no campo profissional**. São Paulo: Líbero (FACASPER), v. 18, n. 35, p. 123-132, jan./jun. de 2015. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Michelle-e-Rafael.pdf>>. Último acesso em: 18/04/2016

PANACIONI, Gustavo. **Crime Sem Castigo: Um estudo de caso sobre os novos modelos de produção jornalística**. 2014. 87 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Universidade Positivo, Curitiba.

RIBEIRO, Fabiana Alves de Lima; GUARALDI, Bibiana Rodrigues. Novos modelos de negócio em jornalismo. In **ComCiência**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, Campinas: LabJor, 10 Abril de 2016.

SARASVATHY, Saras D. **Effectuation: elements of entrepreneurial expertise**. USA: University of Virginia, 2008.

SARASVATHY, Saras D. **What makes entrepreneurs entrepreneurial**. USA: University of Washington, 2001.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.